

A INTELECÇÃO DA REALIDADE DEUS ENQUANTO FUNDAMENTO DA EXISTÊNCIA HUMANA NA METAFÍSICA DE XAVIER ZUBIRI

Frei Alan Leal de Mattos, ofm¹

Osmar Ponchirolli²

RESUMO

O presente artigo pretende oferecer uma contribuição para a reflexão filosófica acerca de Deus abordando a perspectiva metafísica de Xavier Zubiri. Seu principal intento ao tratar de Deus enquanto problema teologal é o de abrir uma possibilidade de reflexão existencial, ou seja, a partir do homem que não está fechado numa facticidade, mas que esteja aberto para o transcendental. Dando breves acenos sobre os temas da realidade e da inteligência, buscou-se, por meio de uma metodologia de análise bibliográfica, dar uma base mínima do pensamento zubiriano. A partir dessas bases o problema teologal, no qual coincidem o problema do homem e de Deus, se torna uma investigação acerca da própria existência humana enquanto atualização a partir da realidade-fundamento, a partir de Deus. Sendo Deus uma transcendência “nas” coisas e no homem enquanto presença alterificante que possibilita ao homem se dirigir a um “Tu” para, numa experiência de liberdade, realizar seu “Eu pessoal” a partir desse fundamento, o pensamento de Zubiri abre uma reflexão para o homem que o convoca para a tarefa de fazer seu Eu fundamente, isto é, enquanto “modo finito de ser Deus”, a partir daquele que se encontra no *de profundis* da existência humana, mas que eleva tudo ao *in excelsis* da vida em plenitude.

Palavras-chave: Xavier Zubiri. Metafísica. Problema Teologal. Realidade Fundamento. Deus.

¹ Graduando em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: a.leal.mattos@gmail.com

² Doutor em Engenharia de Produção pela UFSC. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: osmarp@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

A filosofia enquanto uma problematização diante da vida se circunscreve em tudo aquilo que o homem pode pensar acerca do que lhe é vital. Dentre os diversos problemas, um se mostra como contemporâneo e ao mesmo tempo extemporâneo a todos os problemas: é o problema de Deus.

A filosofia pode, de fato, ser feita sem um pressuposto “divino”, mas mesmo essa atitude ainda é uma das possíveis respostas ao problema de Deus. O problema de Deus encarado do âmbito filosófico não aborda a existência ou não do mesmo, afinal, negar ou afirmar que Deus existe não incide necessariamente na vida humana. A grande questão é: O que se faz, a partir dessa afirmação ou negação?

Portanto, o problema de Deus é, para o homem, um problema existencial. Considerá-lo ou desconsiderá-lo é, antes de uma atitude de fé ou de falta desta, uma atitude diante da vida. A questão, a pergunta primordial dessa pesquisa é: Qual é a possibilidade de o homem encontrar em Deus um fundamento existencial? E ainda, se há essa possibilidade, qual a sua abrangência?

Para tentar encontrar uma resposta a esta questão, a pesquisa abordará o pensamento do filósofo basco Xavier Zubiri³, um dos pensadores mais originais da contemporaneidade, o qual considera o problema de Deus a partir da via intelectual. O homem, ao defrontar-se com as coisas, com a realidade, questiona-se sobre o que são e seu fundamento. Sua explicação e a busca intelectual de razões para essas dúvidas chegam ao problema de Deus. A princípio, pode-se pensar que tratar do problema de Deus seja uma questão de crença. Não se trata de usar a filosofia para dar fórmulas racionais a uma determinada crença, de dar uma forma intelectual acerca de Deus, mas de se chegar a uma intelecção convincente acerca de Deus.

Desse modo, o objetivo do presente artigo é o de investigar como, no pensamento de Zubiri, se dá esta intelecção de Deus. Se a via intelectual é o caminho pelo qual o homem tem acesso à realidade Deus, cabe esclarecer alguns pontos centrais da filosofia de Zubiri, a saber, sua compreensão de metafísica, de realidade e de inteligência.

³ Para uma biografia básica da vida, obra e pensamento de Xavier Zubiri, consultar o seguinte *link*: http://www.zubiri.net/?page_id=361.

1 AS BASES DO PENSAMENTO ZUBIRIANO: METAFÍSICA, REALIDADE E INTELIGÊNCIA

O pensamento de Zubiri é, como ele mesmo o diz em *Natureza, História, Deus* (2010), metafísico. Isso pode causar de fato uma estranheza, a princípio, mas compreendendo-se de maneira adequada o que significa **metafísica** para Zubiri, a suspeita logo se esvai.

A compreensão metafísica de Zubiri é sustentada pelo modo como ele tratou do conhecimento filosófico e científico. A filosofia, para Zubiri (2010), tem por objeto algo que não é, de fato, objeto. Trata-se de outra coisa. É algo latente, isto é, fugidio, que não se evidencia num primeiro momento (ZUBIRI, 2010, p. 150)

Como a filosofia não tem um objeto fixo, ela se move no campo de todas as demais ciências, procurando o próprio enriquecimento dos demais conhecimentos. Isso não faz dela um saber restrito, mas distinto, e por sua distinção essencial à atividade espiritual do ser humano.

A compreensão de ciência também está intimamente ligada ao pensamento do filósofo basco. As ciências, no entender de Zubiri (2010, p. 58-59), não são simplesmente conteúdos objetivos justapostos uns aos outros, como se fossem uma adição interminável e complexa de informações, mas são abordagens das diversas facetas e planos da vida enquanto tal.

A ciência considerada como um modo de adentrar na profundidade do real se coloca em possibilidade de colaboração e enriquecimento mútuo com a filosofia, sendo que ambas estão inseridas nessa unidade primária e integral do real enquanto real.

Aqui se coloca a questão: O que é o real para Zubiri? Em *Estructura Dinámica de la Realidad* (1995, p. 56), Zubiri apresenta a seguinte definição de realidade: “la realidad es una sustantividad que está esencial e estructuralmente en condición de respectividad”⁴. Em que consiste esta **substantividade** da qual fala o filósofo basco?

A substantividade de Zubiri (1985) é um sistema de notas. Assim se expressa Zubiri (1985, p. 104): “Es realidad todo y sólo aquello que actúa sobre las demás cosas o sobre sí mismo en virtud, formalmente, de las notas que posee”⁵.

⁴ “a realidade é uma substantividade que está essencial e estruturalmente em condição de respectividade” (Tradução livre).

⁵ “É realidade tudo e somente aquilo que atua sobre as demais coisas ou sobre si mesmo em virtude, formalmente, das notas que possui” (Tradução livre).

Desse modo as notas estão, segundo uma estrutura própria, colocadas como um sistema. Aparentemente, essa concepção se apresenta como estática, o que sugere um questionamento: Adentrar numa investigação da estrutura não conduziria a uma estaticidade? Sobre esta questão, esclarece Ferraz Fayos dizendo que “explicar os aspectos estruturais não impede esclarecer os aspectos dinâmicos. Pelo contrário, a visão zubiriana do real é uma visão eminentemente dinâmica” (FERRAZ FAYOS apud TEJADA; SANTOS, 2013, p. 108).

Desse modo a questão se coloca em que as notas, que não são meras propriedades, mas todos os momentos que tal realidade possui, estão postas dinamicamente, segundo uma estrutura de forma sistemática.

O sistema zubiriano tem uma característica orgânica, isto é, que abandona uma perspectiva mecanicista e se apoia numa visão metafísica-sistemática-biológica do real (RUBIO, 1995, p. 35).

Assim sendo, o pensamento zubiriano busca uma superação das categorias tradicionais de substância com um enfoque realista, que coloca como essencial às coisas aquilo que cada uma delas possui de particular, pois

Desde el punto de vista de las notas, vimos que en el orden de la talidad, la esencia es el grupo de notas necesarias y suficientes para *componer* una realidad que sea “tal” [...] La esencia es aquello por lo cual lo real es “tal” como es y no de otra manera⁶ (ZUBIRI, 1985, p. 370).

Esse modo de se possuir, de forma que é assim e não de outro modo, é o que caracteriza a realidade como *de suyo*. Nessa realidade o homem está instalado. Mas como? Intelectiva e Sencientemente. Aqui aparece a Inteligência Senciente de Zubiri (2011a), que se inicia com a apreensão primordial de realidade:

Na apreensão primordial de realidade, o real é apreendido em e por si mesmo. Por ser uma apreensão, nela “estamos” na realidade. E esta apreensão é primordial porque toda e qualquer outra apreensão de realidade se funda constitutivamente nesta apreensão primordial e a envolve formalmente. **É a impressão que primária [sic] e constitutivamente nos instala no real.** E isso é essencial (ZUBIRI, 2011a, p. 41, grifo nosso).

⁶ “Desde o ponto de vista das notas, vimos que na ordem da talidade a essência é o grupo de notas necessárias e suficiente para *compor* uma realidade que seja ‘tal’ [...] A essência é aquilo pelo qual o real é ‘tal como é e não de outra maneira’ ” (Tradução livre).

É intelectivamente que o homem se encontra diante da realidade. Essa inteligência se desdobra posteriormente em dois momentos: logos e razão. O logos abre o momento campal da inteligência, onde a realidade apreendida se abre a outras num campo de realidade. Explicando o que é este campo, Ferraz Fayos (2014, p. 69) comenta que:

Campo de realidade é uma expressão que designa um dado primário da experiência: a saber, que as coisas reais se **abrem** a outras em um **ambiente** no qual elas são “na realidade”. Tal é o sentido próprio dessa expressão quando se trata de inteligência como logos.

O segundo momento constitui a marcha intelectual, isto é, a marcha da razão para compreender em profundidade o que são as coisas. Desse modo, “a razão é o caráter intelectual do pensamento, e nesse sentido é a inteligência pensante do real” (FAYOS, 2014, p. 70).

Todos esses pressupostos, ainda que postos de modo primário e sucinto, são necessários para uma compreensão adequada do problema teológico que “não se trata de dar forma intelectual a convicções, e sim de chegar a uma inteligência convincente” (ZUBIRI, 2010, p. 385).

2 DEUS ENQUANTO REALIDADE FUNDANTE DA EXISTÊNCIA HUMANA: A DIMENSÃO TEOLOGAL DO HOMEM

O que é esta realidade que se chama Deus? É possível um acesso a esta realidade? Ou ela estaria fadada a simples especulações racionais, expressas em termos teológicos? Essas são perguntas que interpelam o homem atual e que não podem ser deixadas de lado, como se fossem dadas ou irrelevantes. O homem sempre busca saber o que lhe confere, em última instância, não somente sentido, mas o impulso mais primordial para seu existir.

A questão do problema de Deus não se justifica, portanto, a partir de teorias, de uma reflexão de índole teórica, mas a partir do homem, de sua dimensão estritamente pessoal, de seu ter de constituir a si mesmo (ZUBIRI, 2010, p. 414). Não é algo passível de uma “construção”, mas algo no qual já se está, como salienta o próprio Zubiri em *El Hombre y Dios* (2012, p. 134): “El hombre no tiene el problema de Dios, sino que la constitución de su Yo es formalmente el problema de Dios. El problema de Dios no es, pues, un problema teórico sino personal”⁷.

⁷ “O homem não *tem* o problema de Deus, mas a constituição de seu Eu é formalmente o problema de Deus. O problema de Deus não é, pois, um problema teórico, mas pessoal” (Tradução livre).

2.1 O HOMEM “E” DEUS: UNIDADE E DISTINÇÃO

A dimensão teologal do homem constitui para ele um problema: o problema constitutivo de ser homem a partir de sua fundamentalidade no real. Em que consiste esse fundamentar-se no real? Zubiri (2012, p. 86) dirá que o homem “como ejecutor de sus acciones [...] cobra su carácter de relativamente absoluto”⁸. Em que consiste esse caráter **relativamente absoluto** do homem? Para o que esse paradoxo intrínseco ao homem aponta?

Primeiramente, considere-se que o “problematismo da realidade-fundamento não é algo que leva ao problema de Deus, ele é o problema de Deus, e pertence à dimensão de minha pessoa religada, ‘ligada’ ao poder do real” (CESCON, 2003, p. 374).

Do que se trata essa religação? Zubiri dirá que “a religação não é o *principium originale*, mas é o fenômeno primário em que Ele (Deus) se atualiza em nossa existência” (ZUBIRI, 2010, p. 417). Ao se tratar de um **fenômeno**, a consideração é colocada na perspectiva de uma vivência onde a própria existência humana se torna reflexo da atualização intelectual-existencial da realidade-fundamento.

O que é, então, este **poder do real**? Em que isso influi no caráter relativo da realidade pessoal humana? Zubiri (2012) dirá que o real exerce um poder sobre o ser humano, não de modo causal (extrínseco), mas a modo de dominância, como algo interno ao próprio homem que o faz como pessoa. Essa dominância se deve ao homem estar constituindo na realidade, sem poder dela se separar e tendo que enfrentar-se problemáticamente com ela. E, de todos os problemas que surgem desse enfrentamento, o mais complexo deles é o problema do próprio homem, o **seu** problema.

Essa dominância do poder do real conduz o homem a Deus pela experiência. Trata-se de experimentar a realidade **absolutamente absoluta** da qual o homem é uma realidade pessoal **relativamente absoluta**. O homem é absoluto pela possibilidade de constituir a si mesmo, isto é, ao fazer-se o homem procede de modo absoluto, de modo que basta a si mesmo para seu fazer-se. Como já foi assinalado, a essência de algo consiste precisamente no individual, de modo que não há nenhuma realidade **igual** a outra realidade: toda realidade tem esse caráter absoluto.

Mas, além de absoluto, o homem é relativo, pois mesmo que a realidade-fundamento seja intrínseca ao homem, fundamentando-o, ela é, ao mesmo tempo, a ultimidade que possibilita e impele o homem ao fazer-se pessoa, de modo que somente

⁸ “como executor de suas ações [...] pede seu caráter de relativamente absoluto” (Tradução livre).

a realidade-fundamento, Deus, pode ter o caráter absolutamente absoluto, isto é, de plenitude, de forma que “a presença de Deus nas coisas e no poder do real é o motivo pelo qual devo realizar-me” (CESCON, 2003, p. 378), afinal, “o homem *consiste* em estar vindo de Deus, e, portanto, sendo nele” (ZUBIRI, 2010, p. 421).

Esta consideração conduz a reflexão para um modo de enfrentar o problema de Deus a partir da perspectiva de que “Deus não está *extra vitam* (fora da vida), nem tampouco *juxta mundum* (ao lado do mundo), mas *intra realitatem* (dentro da realidade)” (TEIXEIRA, 2013, p. 129) e, neste caso, o homem, ao viver “na sua experiência, nota que Deus está incluído no seu ser, na sua vida” (TEIXEIRA, 2013, p. 135).

Essa inclusão demonstra que a base da religião não é uma suposta “indigência” da vida humana, mas a plenitude de vida. Não se trata de algo que o homem necessite para suprir as suas necessidades, afinal, desse modo Deus seria novamente reduzido a um objeto extrínseco à vida (CESCON, 2003, p. 382), mas da realidade que, ancorada nos seus três caracteres (ultimidade, possibilitação e impelência), conduz a vida humana à plenitude de sua existência: “La función de Dios en la vida es, pues, ante todo, una función que se dirige a la plenitude de la vida y no a su indigência. Dios no es primariamente una ‘ayuda’ para actuar sino un ‘fundamento’ para ser”⁹ (ZUBIRI, 2012, p. 178).

Esse fundamento possui um modo próprio de transcendência, ou seja, Deus é transcendente nas coisas e no homem, não a modo de separação, mas de distinção. Isto é, Deus não é transcendente às coisas, mas transcendente **nas** coisas. Desse modo, Deus é “uma *transcendência fontal* e uma *presença alterificante*” (TEIXEIRA, 2013, p. 137).

Mesmo sendo a fonte intrínseca das coisas, Deus mantém seu caráter **alterificante**, segundo o qual se apresenta como um **Tu** ao qual o homem se dirige numa relação interpessoal:

A possibilidade de dirigirmo-nos a Deus como um Tu se funda na presença interpessoal de Deus no homem. Deus não é interpessoal porque é um Tu, mas, pelo contrário, porque sua *tuidad* é a expressão humana da presença interpessoal (CESCON, 2003, p. 380).

Esta interpessoalidade reside nessa implicação do homem em Deus, de modo que o homem sempre se pergunta por aquilo que o permite ser, fazer-se, construir-se. Essa presença no homem é encontrada por ele próprio como um Tu, constituinte da realidade

⁹ “A função de Deus na vida é, pois, antes de tudo, uma função que se dirige à plenitude da vida, e não à sua indigência. Deus não é primariamente uma ‘ajuda’ para agir, mas um ‘fundamento’ para ser” (Tradução livre).

existencial do homem, mas, ao mesmo tempo, irreduzível ao homem. Isso releva o intuito de Zubiri ao formular o título *El Hombre “y” Dios* (O homem “e” Deus) (2012). Este “e” não dá à unidade entre Deus e o homem um caráter copulativo, mas experiencial. Esta experiência é fontal e alterificante ou interpessoal. Este paradoxo de imanência e transcendência, a implicação do homem em Deus e a complicação de Deus com o homem, leva o filósofo basco à conclusão de que “la implicación entre el hombre y Dios, como tipo de causalidad interpersonal, es justamente tensión. La unidad de Dios y del hombre es, por consiguiente, tensión teologal”¹⁰ (ZUBIRI, 2012, p. 574).

O homem encontra-se numa situação em que seu fazer-se é constitutivamente em Deus, porém sem fazer de si mesmo Deus. Isso constitui uma tensão entre Deus e o homem, uma tensão, dirá Zubiri (2012), metafísica, e não psicológica. Metafísica porque antecede a própria vivência em suas diversas estruturas humanas dessa tensão, sem, entretanto, cair numa separação, pois se trata da formalidade da experiência tensiva (ZUBIRI, 2012, p. 574-575).

Desse modo, a própria tensão é o caráter essencial do “e” entre Deus e o homem que lhe confere a possibilidade de ser uma experiência unitária, não de justaposição de realidades separadas, afinal, “a realidade do mundo e a realidade do homem constituem *espelhos* da realidade de Deus” (TEIXEIRA, 2013, p. 140). Esta compreensão de **espelho** encontra-se também expressa por Zubiri (2010, p. 431) ao este referir-se ao homem religado ao fundamento como tendo adquirido um tipo de **visão** do mundo em Deus e de Deus no mundo.

Aqui, entretanto, se apresenta uma questão: Se este “e” entre Deus e o homem se caracteriza pela tensão de uma experiência, cabe ainda o esclarecimento de como ocorre essa experiência? Zubiri (2012, p. 575) dirá que “Dios se me da en experiencia como realidad absoluta”¹¹. Portanto, toda possível experiência está neste **se me dá**, nesta doação de Deus ao homem. Agora cabe esclarecer o **como** dessa doação de Deus ao homem.

2.2 EXPERIÊNCIA DE DEUS: A PARTE DEI E A PARTE HOMINIS

Ao se tratar do problema de Deus que é, formalmente, o problema do próprio homem no seu fazer-se, o filósofo basco diz que o construir seu Eu do homem é, sobretudo, uma experiência. Entretanto, o que é essa experiência para Zubiri? O mesmo responde

¹⁰ “a implicação entre o homem e Deus, como um tipo de causalidade interpessoal, é justamente a tensão. A unidade de Deus e do homem é, por conseguinte, tensão teologal” (Tradução livre).

¹¹ “Deus se me dá em experiência como realidade absoluta” (Tradução livre).

que “es probación física de realidad”¹² (ZUBIRI, 2012, p. 535). Em outras palavras, é um modo de estar **frente à** realidade de modo constitutivo, imerso na realidade mesma. Zubiri também fala dessa *probación* em *Inteligência e razão* (2011b), porém, a perspectiva em *El Hombre y Dios* (2012) é, a seu modo, anterior à modalidade racional da inteligência senciente.

Con esta comprensión metafísica de la experiencia, Zubiri está aludiendo al carácter primario, intuitivo y no derivado ni conceptivo del término. Es decir, está aludiendo a la realidad misma de la experiencia y no a sus interpretaciones¹³ (SCHNAKE, 2011, p. 137).

A realidade mesma da experiência se refere à realidade-fundamento, Deus, que é marcada pelo caráter eminente de entrega, de doação, de modo que

En la donación de Dios como verdade real tenemos una auténtica experiencia, porque va recibiendo ese carácter absoluto que Dios nos da relativamente [...] Es Dios dándose como absoluto para que el hombre pueda ser persona, a saber, experiencialmente¹⁴ (ZUBIRI, 2012, p. 535).

Desse modo, Zubiri (2012) distingue uma dupla dimensão da experiência de Deus: uma é **a parte Dei** e a outra **a parte hominis**.

Deus enquanto realidade que fundamenta tem “una forma universal de ser experiencial para todas las personas humanas, a saber, el ser lo absoluto experiencial”¹⁵ (ZUBIRI, 2012, p. 536), isto é, Deus tem um modo de ser experienciado a partir de sua própria doação, o que Zubiri chama de experiência *a parte Dei*. Esta experiência é **universal**, isto é, encontra-se dentro da possibilidade vital de todo ser humano, que tem um caráter inexoravelmente inerente à própria experiência humana.

Desse modo, percebe-se que o intuito de Zubiri não é o de dar uma ideia **descritiva** do que seja essa doação por parte de Deus, mas de apontar para como na vida humana se pode perceber a senda por onde Deus se dá em experiência ao homem.

¹² “é provação física da realidade” (Tradução livre).

¹³ “Com esta compreensão metafísica da experiência, Zubiri está aludindo ao caráter primário, intuitivo e não derivado nem conceptivo do término. Em outras palavras, está aludindo à realidade mesma da experiência, e não a suas interpretações” (Tradução livre).

¹⁴ “Na doação de Deus como verdade real teremos uma autêntica experiência, porque se vai recebendo esse caráter absoluto que Deus nos dá relativamente [...]. É Deus dando-se como absoluto para que o homem possa ser pessoa, a saber, de forma experiencial” (Tradução livre).

¹⁵ “uma forma universal de ser experiencial para todas as pessoas humanas, a saber, o ser o absoluto experiencial” (Tradução livre).

A realidade fontanal, Deus, dá-de-si ao homem de modo que possibilita ao homem encontrar a verdade real”, isto é, “a atualidade do real na inteligência enquanto real” (CESCON, 2003, p. 385). Atualidade é o estar presente desde si mesmo por ser formalmente real, de modo que Deus, nesse momento de doação de si, possibilita o acesso ao real por estar, respectivamente, constituindo o homem e, pela via intelectual, remetindo ao realizar-se do homem em Deus.

A questão da doação de Deus também pode ser percebida ao se considerar o ato criador por parte de Deus que, conforme Zubiri (2010, p. 483) aponta, “deita raízes no amor”. O amor de Deus, que aqui não aponta para um caráter axiológico, mas metafísico, referido ao momento da criação, “é uma produção de um ‘outro’, mas como difusão de si ‘mesmo’ e, portanto, a criação ao mesmo tempo que produz as coisas diferentes de Deus, mantêm-nas em unidade ontológica com Ele mediante a efusão” (ZUBIRI, 2010, p. 483).

As coisas (e, neste caso, o homem), sendo diferentes de Deus, não se constituem em algo à **parte** de Deus, ou seja, a criação na compreensão de Zubiri é um ato difusivo da vida pessoal de Deus que permanece em efusão com o homem e precisamente a partir disso é que se torna possível o seu fazer-se. Usando da teologia dos Padres gregos, Zubiri (2012, p. 539) aponta como essa doação divina no fazer-se humano se expressa historicamente, isto é, “Dios dándose como experiência histórica”¹⁶.

Realizar a sua própria realidade é o primeiro passo que o homem deve empreender, tendo como pressuposto a doação de Deus a *parte Dei* (ZUBIRI, 2012, p. 542). Isso conduz ao segundo passo, ao outro lado da moeda da experiência de Deus. É a própria **destinação** do movimento de doação a *parte Dei*: ser experienciado pelo homem. A questão agora deve ser colocada em como cada homem se encontra e se faz a partir dessa experiência. É a experiência de Deus a *parte hominis*.

Sendo a vida do homem já de antemão um fazer-se a partir da realidade que o fundamenta, a saber, a realidade que usualmente chamamos Deus, Zubiri (2012, p. 543) diz que “el hombre no es que *tenga* experiencia de Dios, es que el hombre es formalmente experiencia de Dios”¹⁷. O homem, enquanto **animal de realidades**, se move inexoravelmente entre as coisas reais, mas para fazer sua **pessoa**, para realizar-se, move-se a partir de uma realidade que o fundamenta, e isso é inerente à própria suidade do homem.

¹⁶ “Deus dando-se como experiência histórica” (Tradução livre).

¹⁷ “não é que o homem *tenha* experiência de Deus, é que o homem é formalmente experiência de Deus” (Tradução livre).

Portanto, o homem não tem a experiência dessa realidade que o fundamenta como uma mera **possibilidade** entre tantas outras, mas que o ponto de partida fontanal de seu fazer-se é a experiência dessa realidade, a experiência de Deus (CESCON, 2003, p. 386). Em suma, “haciendo mi ser fundamentalmente es como tengo experiencia de Dios”¹⁸ (ZUBIRI, 2012, p. 545).

A partir disso, Zubiri (2012, p. 545) formula uma afirmação muito ousada: “El animal de realidades es el momento de finitud con el cual el hombre es Dios. El hombre es una manera finita de ser Dios”¹⁹. O homem recebe de Deus o caráter absoluto, porém é um modo finito de sê-lo, isto é, é relativo diante da absolutidade da realidade fundamentante. O homem não é absolutamente absoluto, pois deve fazer-se ainda (não se encontra **pronto, acabado**, de certo modo). E nesse seu fazer-se é que há a experiência do absoluto, de Deus (ZUBIRI, 2012, p. 546).

Essa opção do homem é constitutivamente livre. Opção livre aqui não quer apontar para uma total libertação de todo e qualquer ordenamento, deixando a vontade livre do homem, repousando sobre si mesmo. Isso seria antes uma depreciação da liberdade transformando-a em pura arbitrariedade. Essa opção livre, apesar de ser **individual, absoluta**, no sentido de que cada um tem que se empenhar na busca da construção de seu **Eu pessoal**, ela não conduz o homem a um narcisismo isolado de tudo e de todos. Como diz Zubiri (2011a), estamos imersos inexoravelmente na realidade. De que ordem, portanto, é a genuína liberdade humana? Ratzinger (2007) aponta o justo lugar do qual a liberdade deve ser contemplada:

a liberdade está vinculada a uma medida, à medida da realidade – isto é, à verdade [...]. A liberdade humana é liberdade partilhada, liberdade na co-participação de liberdades, que mutuamente se limitam e assim se sustentam umas às outras. A liberdade mede-se por aquilo que eu sou, que nós somos – caso contrário, suprime-se a si mesma (RATZINGER, 2007, p. 224).

Este pensamento do teólogo alemão conjuga a questão individual e a alarga na questão **comunitária**. Zubiri (2012) dirá que esta experiência é certamente individual, mas também social e histórica, conforme explica Cescon (2003, p. 388):

A experiência de Deus toca todas as dimensões da pessoa humana. Portanto, é uma realidade individual e pessoal e, ao mesmo tempo, social e histórica, da qual a história das religiões é o documento concreto. Pode-se dizer que Deus é experiência do homem na sociedade e na história.

¹⁸ “fazendo meu ser fundamentalmente é como tenho experiência de Deus” (Tradução livre).

¹⁹ “O animal de realidades é o momento de finitude com o qual o homem é Deus. O homem é uma maneira finita de ser Deus” (Tradução livre).

Zubiri (2012) aponta um caminho similar na questão: a liberdade pode tomar contornos de **liberdade-de**, isto é, de libertar-se das coisas, de impulsos, coações etc., como também pode ser uma **liberdade-para**, que constitui o homem para ser a sua realidade em frente a toda outra realidade. Entretanto, estes dois possíveis momentos da liberdade não são suficientemente radicais para constituir “la experiencia de Dios [...] [como] la experiencia de mi propia libertad”²⁰ (ZUBIRI, 2012, p. 547). Isso se deve ao fato de que, seja **liberdade-de** ou **liberdade-para**, ambos se constituem como modos de exercitar a liberdade, mas ainda não são suficientemente radicais para serem o fundamento desse exercitar. Zubiri (2012) dirá que o homem está constituído **em** liberdade e que, neste sentido, liberdade e pessoa coincidem:

El hombre es libre “en” la realidad en cuanto tal por ser justamente de aquella condición en virtud de la cual yo soy mío, me pertenezco a mí mismo y no a otra realidad. La libertad en este sentido es, o puede ser por lo menos, idéntica a la persona²¹ (ZUBIRI, 2012, p. 548).

Este construir-se humano se dá a partir da liberdade de um modo tão íntimo que o próprio **eu** que se constrói é, necessariamente, um **eu livre**, construído na liberdade de se realizar a partir daquilo que fundamenta, isto é, “la experiencia radical de Dios es la experiencia del ser libre ‘en’ la realidad [...] La experiencia de esta libertad, animalmente experienciada, es justamente la experiencia de Dios”²² (ZUBIRI, 2012, p. 548).

Em suma, a intenção de Zubiri ao expor que a experiência de Deus tem duas facetas, uma por parte de Deus e outra por parte do homem, reside no intuito do filósofo basco de

explicar em que consiste esta unidade experiencial pela qual Deus se doa a mim em experiência com a realidade absoluta, constituindo-me na minha realidade relativamente absoluta. Explica ainda como o homem é experiência de Deus e experiência do absoluto em Deus, como a constituição formal do Eu é uma doação, e como a unidade da tensão teológica é a unidade entre doação e experienciação (CESCON, 2003, p. 392).

Essa inquietude do homem diante da dinâmica da realidade-fundamento, de fazer-se, seja nas coisas ínfimas, seja nas coisas mais elevadas, é expressada, de modo

²⁰ “a experiência de Deus [...] [como] a experiência de minha própria liberdade” (Tradução livre).

²¹ “O homem é livre ‘na’ realidade enquanto tal por ser justamente daquela condição em virtude da qual eu sou meu, me pertença a mim mesmo e não a outra realidade. A liberdade neste sentido é, ou pode ser ao menos, idêntica à pessoa” (Tradução livre).

²² “a experiência radical de Deus é a experiência de ser livre ‘na’ realidade [...]. A experiência desta liberdade, animalmente experienciada, é justamente a experiência de Deus” (Tradução livre).

magistralmente poético, pelo poeta alemão Friederich Hölderlin (1990) em sua poesia *Lebenslauf* (Curso da Vida):

Größers wolltest auch du, aber die Liebe zwingt
All uns nieder, das Leid beuget gewaltiger,
Doch es kehret umsonst nicht
Unser Bogen, woher er kommt.

Aufwärts oder hinab! herrschet in heilger Nacht,
Wo die stumme Natur werdende Tage sinnt,
Herrscht im schiefesten Orkus
Nicht ein Grades, ein Recht noch auch?

Dies erfuhr ich. Denn nie, sterblichen Meistern gleich,
Habt ihr Himmlischen, ihr Alleserhaltenden,
Daß ich wüßte, mit Vorsicht
Mich des ebenen Pfads geführt.

Alles prüfe der Mensch, sagen die Himmlischen,
Daß er, kräftig genährt, danken für Alles lern',
Und verstehe die Freiheit,
Aufzubrechen, wohin er will²³ (HÖLDERLIN, 1990, p. 146).

²³ Coisas maiores querias tu também, mas o amor verga
Todos nós para baixo, a dor prostra ainda mais,
No entanto, não reviravolteia em vão
O nosso arco para lá donde vem!

Para cima ou para baixo! Não vigora em noite sagrada,
Onde a silenciosa natureza considera os dias venturos,
Não domina porventura no Orco mais tortuoso
Uma Grandeza, uma justiça também?

Isso experienciei. Pois nunca, como os mestres mortais,
Tendes vós, ó celestiais, ó detentores do todo,
Que eu saiba, com cuidado
Me guiado por vereda plana.

Tudo prove o homem, dizem os deuses,
Que ele, fortemente nutrido, aprenda a agradecer por tudo,
E compreenda a liberdade
De partir para onde queira (Tradução de Frei Antonio Joaquim Pinto, ofm).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual o ponto de partida fundamental, que inicia toda e qualquer existência? Este problema foi o alvo desse artigo e com o qual Zubiri se ocupou durante sua etapa tardia e mais madura: o problema teológico, ou seja, a realidade-fundamento acerca de Deus. Neste ponto é crucial perceber que Zubiri (2012) não fornece uma ideia ou conceito de Deus, mas pretende buscar na própria existência aquilo que aponta para essa realidade, seja na dimensão pessoal de cada ser humano, seja em exemplos históricos nos quais o problema se plasmou, isso é, nas religiões.

As considerações do problema de Deus atravessam a própria vida do homem, de modo que Zubiri (2012) identifica o problema de Deus com o problema do próprio homem. E, de fato, o que mais o homem pode ter para chegar a Deus a não ser sua própria vida. E ainda, atenta que o homem a partir de sua vida traz em si a tarefa de se religar ao **poder do real**.

A religação se dá nessa abertura da realidade do homem que permite que Deus se atualize em seu fazer-se, onde o **poder do real** confere aquele caráter verdadeiro dessa experiência. Isso se deve precisamente ao fato de que o homem e Deus estão numa unidade absoluta e numa distinção em caráter relativo. Deus é o absolutamente absoluto, isso é, aquele que tem por si seu caráter absoluto, e o homem recebe esse caráter absoluto de Deus, constituindo-se assim como relativo, ou seja, o homem é relativamente absoluto.

A partir disso, Zubiri (2012) pôde cunhar sua noção de que o homem é um modo finito de ser Deus. Essa presença de Deus em tudo, em todas as realidades, encontra sua profundidade mais excelente no homem.

Quando Zubiri (1985) resgata a individualidade, colocando o essencial no que é precisamente individual, ou seja, não se trata de se considerar termos generalizantes, mas de ver nas possíveis semelhanças a diferença inscrita que faz do real essa imensa riqueza que se doa a cada homem, ele quer atentar que cada homem, a seu modo, é experiência de Deus.

Zubiri (2012) diz com veemência que o homem é experiência de Deus, sem ressalvas. É no seu fazer-se, na construção de seu Eu pessoal, que o homem deve se compreender como abertura à atualidade da realidade-fundamento, de Deus. Em suma, a vida do homem está inscrita no coração do dar-se da realidade-fundamento, nas “entranhas” de Deus, da realidade fontanal e alterificante.

No mais profundo da vida do homem, com toda a sua relatividade e finitude, se circunscreve uma semente que germina eternidade e que dá a cada ser humano a possibilidade de infinitude, de ir até os mais excelsos esplendores que brilham na mais profunda e abissal das escuridões.

REFERÊNCIAS

- CESCON, E. O problema de Deus e do seu acesso e a experiência de Deus. **Teología y Vida**, Santiago, v. 44, n. 4, p. 373-394, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/tv/v44n4/art02.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014.
- FAYOS, A. F. A trilogia sobre a inteligência In: SECRETAN, P. (Org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri**: por uma filosofia de realidade. São Paulo: É Realizações, 2014. (Filosof. atual).
- HÖLDERLIN, F. **Hyperion and selected poems**. New York: Continuum, 1990.
- RATZINGER, J. **Fé, verdade, tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2007.
- RUBIO, R. H. **El realismo sistémico de Xavier Zubiri**. 1995. 248 f. Tese (Doctorado en Filosofía) – Universidad de País Vasco, San Sebastián, 1995. Disponível em: <<http://www.zubiri.info/tesis.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2014.
- SCHNAKE, F. C. **Una propuesta estructural de lectura de la trilogía teologal de Xavier Zubiri**. 2011. 207 f. Tese (Doctorado em Teología) – Pontificia Universidade Católica de Chile, Santiago, 2011. Disponível em: <<http://teologia.uc.cl/Descargar-documento/132-Una-propuesta-estructural-de-lectura-de-la-trilogia-teologal-de-Xavier-Zubiri.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- TEIXEIRA, J. A. P. “Per Realitatem ad Deum”: breve iniciação à teofilosofia de Xavier Zubiri. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 69, n. 1, p. 125-142, 2013.
- TEJADA, J. F.; SANTOS, A. T. C. dos. Eliminando “A Densa Neblina” sobre a Filosofia da Realidade de X. Zubiri. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 69, n. 1, p. 93-124, 2013.
- ZUBIRI, X. **El hombre y Dios**. Madrid: Alianza, 2012.
- _____. **Estructura dinámica de la realidad**. Madrid: Alianza, 1995.
- _____. **Inteligência e razão**. São Paulo: É Realizações, 2011b.
- _____. **Inteligência e realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- _____. **Natureza, história, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- _____. **Sobre la esencia**. Madrid: Alianza, 1985.

